

EDMILSON BORRET

TERAPÊUTICA
para dias
— DE —
afeições
INSOLÚVEIS

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

O sereno de tudo

O sereno de tudo não recobre. Encobre.
Umedecimento de dentro, feminil.
Não só da madrugada o sereno de tudo:
não tem tempo. Incrusta-se na substância
porosa da vida brotada de poços artesianos.
Da fundura e do dentro ganha tudo o que
vivo permanece e o que um dia doeu.
Vai rumoreando entre o céu e as pedras –
se compadece da secura original de tudo.
Não se coleta em lâminas ou balões de vidro
o sereno de tudo. Não há novidade!
O sereno de tudo é o Gênesis do desejo:
serpenteado no desterro das sensações.

[nuit blanche]

a aurora dizimou
os vultos
não a fome
a longa jornada
produziu água
no canto dos olhos
nos poros
o corino grudado
às costas
e às bolas

um dia de chumbo a arrastar
sangrando os tornozelos
os deuses de caeiro não se pensam
o de nietzsche está morto
tudo mais ou menos igual
nada sacia!

toda palavra tem um peso
que estabelece um vazio
cavado entre ela
e os amanheceres

nele nos arriscamos à inanição

Da liberdade

O caos das horas:

uma liberdade inusitada!

Algumas evidências metafísicas

desembocam na vida simples

e cotidiana,

mas não fazem da vida nada senão

uma mera experiência de lirismo.

A liberdade está na compreensão:

o que me toca ou o que resiste a meu toque

é o que compreendo.

E isso devo sustentar!

O corpo, a doçura, a nobreza do desejo

retirarão toda a culpabilidade e até os deuses

saberão de sua inocência irrefutável.

O homem livre só esgota tudo esgotando-se.

Bolor

nesse canto de sofá você
na performance da esquiva
na métrica da deriva

as cortinas estão cerradas!
o todo (faz parte) –
metonímia pura: mente

nada do que foi dito
sentido ou lambido
terá valor de contrato

julguei ser bolor
a mancha branca no tapete de sisal:
só seus pés que aqui estiveram

MMXVIII – O hematófago

Você estranha o que o meu corpo
encolhe nas noites de calor
de insônia e pulso fraco
Escancaro a janela
para os blocos vizinhos
Os telejornais dão boa noite
Fica a incerteza do amanhã
e das artes
É estranho pensar que
nada disso estava nos planos
Os juízes assim decidiram!
A onda de calor aumenta
E vamos trabalhar
até que a morte nos separe

Come chocolates, pequena!

Os estados da alma
têm novas capitais
Você foi a última a sair
e não apagou a luz
Tinha um certo porte
Acertou-me!
Tem um sangue vermelho
espalhado pelo chão

pelas almofadas:
o seu era azul-burguesa
Os insetos nunca saíram
da mata por sua causa:
uma manada de bois e antenas
invadiram a mata
E as cidades ficaram
todas em suspenso
sob uma nuvem espessa
de mil olhos
Tudo era tão novo
como sessenta anos atrás

O que o meu corpo encolhe
um dia já foi arte
Hoje coagula-se

Intertexturas de flores secas de abril

baudelaire disse: sois sâge, ô ma douleur.
ana c. cesar, graciosa, releu: fica boazinha, dor -
sábua como deve ser

não tendo a verve do simbolista
nem a graça da filha da puc
digo: engole o choro, caralho!

fecho o livro.

Treta

na minha geladeira
convivem lateralmente
e nada pacificamente
uma caixa de leite
e duas latinhas de cerveja
a caixa de leite olha
para as duas com o desdém
dos que viveram mais
e dá conselhos sobre
uma vida sem vícios
nem exageros
as duas latinhas têm
sobrenome francês
loiríssimas, corpinho slim
se sabem muito mais cobiçadas
onde quer que cheguem

pego a garrafa d'água
gente boa pra caralho:
não fala mal de ninguém
tomo logo um copo cheio
ando tentando não me envolver
nessas tretas de geladeira

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em setembro de 2020.
